



OPINIÃO DOS RECLUSOS DO ESTABELECIMENTO PRISIONAL DO VALE DO SOUSA SOBRE O TEATRO UNIVERSITÁRIO DE INTERVENÇÃO DO CENTRO DE ACONSELHAMENTO E ORIENTAÇÃO DE JOVENS DO PORTO DA FPCCSIDA

Filomena Frazão de Aguiar¹, Teresa Vilaça², Laura Aguiar³, Joana Martins⁴, Mariana Martins⁵

¹Presidente do Conselho de Administração da Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra A SIDA”, fpccsida1992@gmail.com

²Universidade do Minho – Departamento de estudos Integrados de Literacia, Didática e Supervisão, Instituto de Educação, voluntária do CAOJ Porto, tvilaca@ie.uminho.pt

³Professora na Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra A SIDA”, caojporto@gmail.com

⁴Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra A Sida”, anaoj87@hotmail.com

⁵Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra A Sida”, marianaclmartins@gmail.com

RESUMO

O Teatro Universitário de Intervenção (TUI), constitui uma valência do Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens (CAOJ), o qual faz parte da Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra A SIDA” (FPCCSIDA). O TUI constituído por duas voluntárias universitárias orientadas por uma professora do CAOJ, promove junto de grupos de reclusos, a criação de sketch utilizando o Teatro do Oprimido através da técnica de Teatro Fórum. Esta metodologia de intervenção consiste na dramatização de uma problemática social por sketch, escolhida pelos reclusos inscritos no teatro, onde se identifica com facilidade o(s) oprimido(s) e o(s) opressor(es). Através de um Curinga, facilitador da interação atores e público, convida-se um espetador, também recluso, que substitua o oprimido, dando uma solução assertiva ao conflito em cena. O objetivo desta ação educativa é prevenir comportamentos de risco, reduzir a discriminação pelo VIH/SIDA e promover a reinserção social. As temáticas abordadas desde maio de 2014 a janeiro de 2015, abrangendo um total de 100 reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale do Sousa foram a discriminação pelo VIH/SIDA e o Racismo. Com o objetivo de caracterizar a perceção dos reclusos relativamente à eficácia deste tipo de intervenção foram entrevistados 24 reclusos. Os resultados obtidos mostram que de acordo com a maior parte dos reclusos, o teatro fórum, tem vantagens em relação a outro tipo de abordagens pedagógicas, pois além de lhes permitir refletir sobre as situações problema, vivenciam as possíveis soluções, interiorizando comportamentos e atitudes assertivas promotores de saúde possibilitando efetivamente a reinserção social.

Palavras-chave: comportamentos de risco, discriminação, prevenção, reinserção social, teatro

INTRODUÇÃO

Segundo Boal (1980), o Teatro do Oprimido (TO), é uma intervenção socioeducativa que utiliza técnicas teatrais da dramaturgia como ferramenta de ação educativa. Na sua opinião, “todos os grupos teatrais verdadeiramente revolucionários devem transferir ao povo os meios de produção teatral, para que o próprio povo os utilize, à sua maneira e para os seus fins. O teatro é uma arma e é o povo quem deve manejá-la!” (Boal, 1991, p.139).

Para Santos (1990), o TO permite a reflexão sobre problemas pessoais e da comunidade dos intervenientes e, posteriormente, a resolução do referido conflito. Esta ideia é reforçada por Boal (2009) ao defender que, uma ação educativa e pedagógica questiona o conhecimento instalado, desenraizando-o de alguns costumes adquiridos que não libertam mas, oprimem permitindo mudanças para uma vida melhor. O autor considera que o teatro se baseia no princípio de que o ato de transformar é algo de transformador, afirmando que “aquele que transforma as palavras em versos transforma-se em poeta; aquele que transforma o barro em estátua transforma-se em escultor; ao transformar as relações sociais e humanas apresentadas em uma cena de teatro, transforma-se em cidadão.” (cit in Santos, 2009, p. 10).

Boal (2005), escolheu a árvore como símbolo de representação do seu método, pois apresenta constantes transformações e tem a capacidade de se multiplicar. Este símbolo representa uma estrutura pedagógica do método, pois apresenta ramificações coerentes e interdependentes. Cada uma das técnicas que integra o método tem origem numa descoberta (Boal, 2005), a saber: teatro Imagem, Teatro Jornal, Teatro Invisível, Teatro Legislativo e Teatro Fórum. A árvore do Teatro do Oprimido apresenta raízes fortes e saudáveis, as quais representam a ética, solidariedade e responsabilidade, a base fundamental desta técnica que se alimenta pelos conhecimentos humanos (Boal, 1991, 2005).

Segundo Santos (2010), na apresentação do Teatro Fórum a platéia é envolvida na resolução da situação de opressão que lhe é familiar, através da ação do curinga. O curinga é quem facilita este diálogo, estabelecendo uma comunicação horizontal que é ao mesmo tempo investigativa e propositiva. Na sua perspectiva, facilitar aqui não significa oferecer respostas ou apresentar caminhos, mas sim ajudar na análise das

alternativas, com perguntas e comparações instigadoras, que encorajem a expressão e garantam espaço para a diversidade de opiniões. Com base nas suas investigações o autor refere que os grupos de Teatro do Oprimido – GTO's – trabalham com temas variados, de violência doméstica, sexual, de prevenção da sida discriminação racial, social e de género, diversidade sexual a direitos trabalhistas, entre outros. É ainda importante referir que no TUI defendemos a perspectiva de Boal (2005) quando afirma que “Os espect-atores, pondo em cena as suas ideias, exercitam-se para a ação na vida real; atores e plateia igualmente atuando, tomam conhecimento das possíveis consequências das suas ações.” (p.32). Reforçando esta ideia, Rocha (2000), explica que “é possível constatar que o preso, através do exercício teatral, ao se confrontar ou refletir sobre temas de um universo análogo ao dele, desenvolve a capacidade de pensar em si mesmo e no outro, bem como na sua relação com a sociedade, encontrando caminhos para revelar-se naquilo que possui de essencial, de humano (p. 8).

Segundo Cruz (2009), estes projetos de teatro em contexto prisional, desencadeiam o questionamento das perceções que a comunidade em geral tem sobre os reclusos e, também o questionamento das perceções que estes tem sobre si mesmos, promovendo efetivamente a reinserção social.

O teatro do oprimido é importante em contexto prisional, pois a entrada na prisão torna-se um contexto privilegiado para a deteção de infeções sexualmente transmissíveis (IST), incluindo o VIH/SIDA (WHO, 2007). Nesse sentido, a entrada na prisão é um momento crucial no envolvimento dos reclusos em projetos de prevenção, devendo esta ser encarada como um espaço privilegiado na educação e promoção da saúde, com vista a minimizar o efeito dos comportamentos de risco (Portal da Saúde, 2007). Não obstante os comportamentos que determinam o risco acrescido de infeção pelo VIH serem considerados proibidos nas prisões, por vezes ocorrem relações sexuais desprotegidas, violações, consumo de drogas, tatuagens e, se não existirem programas de prevenção eficazes, não se podem combater as consequências previsíveis destes comportamentos (Canda, 2010).

De acordo com o Portal da Saúde (2007), acresce como situação de risco o fase de reinserção social, pois é um momento frequentemente angustiante ao confrontar a necessidade de obter alojamento, encontrar trabalho, reintegrar a família e aceder a

cuidados de saúde. No Portal sublinha-se que os reclusos VIH negativos ficam expostos a um risco de infeção especialmente elevado após libertação, em particular se não há o cuidado de estabelecer um plano que prepare a sua reinserção social fornecendo o poder de decidir e escolher, criando as oportunidades para ultrapassar as razões sociais e económicas que induzem exclusão, vulnerabilidade e, em última análise, a transmissão da infeção.

METODOLOGIA

Metodologia do teatro universitário de intervenção

O TUI, teatro universitário de intervenção criado pela Fundação Portuguesa “A Comunidade Contra A SIDA” (FPCCSIDA) utiliza o TO recorrendo à técnica de teatro fórum como estratégia de educação não formal, com o objetivo de prevenir comportamentos de risco no âmbito da sexualidade, nomeadamente do VIH/SIDA. Este grupo de teatro é constituído por voluntários universitários, formados científica e pedagogicamente pela FPCCS e uma professora do Centro de Aconselhamento e Orientação de Jovens (CAOJ) da FPCCS. A função do TUI é, por um lado, atuar em vários contextos como escolas, centros educativos, lares de jovens em risco e prisões, promovendo a mudança de comportamentos através da ação e, por outro lado, criar condições para que os participantes ajam como curingas, formando novos grupos teatrais multiplicadores da metodologia. No Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa, o TUI constituído por duas voluntárias universitárias e uma professora do CAOJ Porto da FPCCS formou um grupo de TO com 14 reclusos. O processo teve início em 9 de maio de 2014 e culminou com um espetáculo a 4 de dezembro de 2014, o qual foi repetido a 26 de janeiro de 2015. A plateia era constituída por cerca de 40 reclusos o que perfaz um total de 100 reclusos envolvidos, tendo em conta os dois espetáculos. O processo foi fundamental, pois através de jogos teatrais seguidos de reflexão foram desenvolvidas competências pessoais e sociais, as quais permitiram que os reclusos partilhassem as suas opressões, e os curingas selecionassem as que são significativas para todo o grupo e melhor se adequam ao teatro fórum.

Objetivos do estudo

Neste contexto, esta investigação tem como objetivo fundamental “caraterizar as percepções dos reclusos que participaram no Teatro Fórum e dos reclusos que participaram como elementos da plateia relativamente à eficiência deste tipo de intervenção como ferramenta de ação educativa.

Desenho de investigação e metodologia de análise dos dados

Esta investigação é de natureza qualitativa, por considerarmos que seria a melhor forma de conseguir compreender a perspetiva dos reclusos. De facto, tal como defendem vários autores, as investigações qualitativas permitem captar e perceber os significados que os indivíduos atribuem ao que os rodeia (Fortin, 2009; Guba & Lincoln, 1994; Hesse-Biber, 2010). Segundo Yilmaz (2013) e Turato (2005), as diferenças entre a investigação quantitativa e qualitativa focam-se desde logo nos seus objetivos centrais, pois enquanto a primeira visa especificamente desenvolver leis universais para explicar o comportamento social, na segunda pretende-se compreender as experiências dos indivíduos a partir da sua própria perspetiva.

Para Flick (2009), a metodologia qualitativa procura compreender, descrever e até mesmo explicar fenómenos sociais, sendo utilizada para desenvolver, a partir de padrões descobertos, modelos que permitam explicar realidades sociais, rejeitando a definição de conceitos prévios e optando assim por desenvolver as hipóteses colocadas ao logo do estudo. Orientada para uma lógica indutiva, esta metodologia é a mais adequada para o presente estudo, pois permitirá descortinar a perceção dos reclusos face ao Teatro do Oprimido, permitindo assim desenvolver hipóteses e aprofundar determinados conceitos (Bogdan & Biklen, 1994).

No presente trabalho a técnica utilizada para o tratamento dos resultados foi a análise categorial, seguindo-se em concreto as propostas de Bell (2004). De acordo com estes autores, trata-se de uma técnica que identifica, analisa e avalia os temas associados, considerando-se o tema como base fundamental para a análise de dados. Bell (2004), defende ainda que para um tema ser considerado crucial este tem de ir ao encontro do objetivo de investigação. Seguimos igualmente as propostas de Bell (2004),

ao desenvolver a análise categorial do nosso material empírico em seis fases: i) organização da análise; ii) codificação; iii) categorização; e iv) inferência.

Participantes

Neste estudo pretendeu-se perceber a percepção dos reclusos relativamente à eficiência deste tipo de intervenção, por isso, optou-se por esta população pois os participantes no estudo estão inseridos num estabelecimento prisional (Correia, 2003). Tratou-se de uma amostra de conveniência, constituída por reclusos do Estabelecimento Prisional de Vale do Sousa aos quais foi mais fácil aceder, por se terem prontificado a colaborar no estudo (Correia, 2003; Marotti, Galhardo, Furuyama, Pigozzo, Campos, & Laganá, 2008; Martins, 2009).

Numa tentativa de aceder a perspetivas e dados potencialmente mais diversificados conduzimos uma entrevista com os reclusos, um grupo que tinha estado na representação e outro que estava na plateia e posteriormente intervinha no teatro. Esta triangulação dos dados é apontada, por autores como Glaser e Strauss (1967), como uma forma de complexificar e validar os resultados. Em relação a cada grupo optou-se por se terminar a recolha de dados quando se percebeu a repetição da informação obtida, tal como proposto por vários autores (Fontanella, Ricas & Turato, 2008; Guerra, 2006).

Em concreto, a amostra final do estudo foi constituída por um total de 24 reclusos, 11 que estiveram na representação do Teatro Fórum e 13 que estavam presentes na plateia.

Instrumentos

No presente estudo e atendendo ao nosso objetivo optou-se por recolher os dados através de uma entrevista qualitativa. De facto, diferentes autores apontam para a importância deste instrumento de recolha de dados na investigação qualitativa quando se pretende explorar e compreender diferentes aspetos da experiência humana através da perspetiva e vivências dos sujeitos (Jacob & Furgerson, 2012; Guerra, 2006).

As entrevistas foram conduzidas a partir de um guião semiestruturado, especificamente desenvolvido para a presente investigação e que contemplava três

tópicos centrais: i) dados sociodemográficos, ii) percepções dos reclusos que participaram no teatro fórum; iii) percepções dos reclusos que participaram no teatro fórum como elementos da plateia.

Em relação aos reclusos que participaram no Teatro Fórum pretendeu-se caracterizar a sua percepções sobre: a importância do processo educativo na escolha das situações problema a representar; ii) a importância dos temas escolhidos para o teatro do oprimido; iii) as vantagens do Teatro Fórum em relação a palestra; iv) a percepção sobre o contributo do Teatro Fórum para a reinserção social.

Em relação aos reclusos que participaram no Teatro Fórum como elementos da plateia, os objetivos da entrevista foram caracterizar a sua percepções sobre: i) a importância dos temas escolhidos; ii) os objetivos do diálogo com a plateia/ palco/ curinga; iii) as competências desenvolvidas por vivenciar situações de opressão.

Procedimentos

Na presente investigação, a recolha de dados decorreu em Março de 2015, no Estabelecimento prisional de Vale do Sousa, mediante o consentimento informado dos participantes, aos quais foram explicados os objetivos e procedimentos do estudo, assim como assegurada a total confidencialidade da sua identidade.

Em concreto, começou por ler-se cada entrevista de forma detalhada para se conseguir uma compreensão global do seu conteúdo. Cada entrevista foi novamente lida com atenção para iniciar-se o processo de descoberta de temas entre todo o material empírico. Ao longo da análise de dados, foram sendo construídas tabelas de forma a ajudar na codificação de temas e subtemas. Após identificação dos temas, procedeu-se à procura e nomeação dos subtemas mais importantes, de forma a clarificar, aprofundar e detalhar a análise de dados.

Na análise de dados efetuada foi também contabilizado o número de sujeitos que referiram determinada ideia (frequência), para uma melhor compreensão dos resultados. Toda a codificação foi realizada a partir dos dados, sendo que não se recorreu a temas codificados *à priori*, e realizou-se uma codificação não exclusiva, de modo a captar a complexidade dos resultados dos participantes.

Para terminar, e não menos importante, importa referir que no presente trabalho, para garantir o direito à privacidade e à confidencialidade da identidade de todos os participantes, os seus dados identificativos foram alterados.

RESULTADOS

Percepções dos reclusos que participaram no Teatro Fórum sobre a sua eficiência como ferramenta de ação educativa

Após uma análise dos resultados, percebemos que para o grupo em geral (n=11), o caminho percorrido desde a fase inicial até a apresentação da peça de teatro foi muito importante (Tabela 1). Os reclusos consideraram que aprenderam determinadas coisas que por vezes eram esquecidas, como o respeito mútuo (n=10), onde revelaram que para se poder estar em grupo é muito importante saber respeitar-se a si e aos outros, até mesmo as suas ideias (e.g. “O nome grupo implica muito. Implica sabermos respeitar a nós próprios e aos outros, as suas ideias as suas formas de agir, a sua maneira de ser.

Tabela 1- *Percepções dos reclusos que participaram no Teatro Fórum sobre a sua eficiência como ferramenta de ação educativa* (n=11)

Área de análise	de Categoria	Exemplos	F
Importância do processo na escolha das situações problema a representar ³	Respeito mútuo	“O nome grupo implica muito. Implica sabermos respeitar a nós próprios e aos outros, as suas ideias as suas formas de agir, a sua maneira de ser. Isto só se consegue com muitas dinâmicas de grupo.”; “Reunir o pessoal todas as semanas, fazer jogos, rirmos, falarmos, foi importante para perceber o teatro do oprimido e os temas da SIDA e do racismo.”	10
	Desinibição	“Ajudaram-nos a interagir uns com os outros, a desinibirmo-nos mais um bocado.”	6
	Coesão grupal	“Foi importante o convívio, o diálogo, a união, para chegarmos a um consenso.”	11
	Dignidade	“Ajudou-nos a conquistar de novo a nossa dignidade”; “As horas de TO às sextas-feiras eram uma lufada de ar fresco, sentíamos-nos pessoas e não reclusos identificados pelo número”	6

³ - De que forma é que as dinâmicas ativas e participativas e os jogos teatrais desenvolvidos ao longo do caminho percorrido (processo), foram importantes para a escolha das situações problema a representar?

<p>Importância dos temas escolhidos⁴</p>	<p>Significativos</p>	<p>“Sim, tanto que se viu a forma como o público interagiu, devido à escolha dos temas apresentados.”; “Estamos a mostrar como se pode pegar uma doença, e como é o racismo, estamos a viver uma realidade a bem dizer. Muito pouca gente sabe como se pode pegar esta doença, a SIDA.”; “Era para fazermos as pessoas entenderem a forma de transmitirem e como se podem prevenir da SIDA. O racismo no fundo ainda existe no nosso país, seja preto, branco, cigano...”; “É importante para tirar dúvidas sobre a SIDA, o racismo já não há tanto como antigamente mas continua a haver.”; “são importantes porque são coisas que acontecem diariamente, na vida.”; “Aqui na cadeia, há um certo racismo e um certo desprezo por certas pessoas que são de outras etnias.”; “Fiquei ciente dos problemas que podem acontecer as famílias e colegas e, se mais tarde me acontecesse igual já sabia como resolver. Espero nunca viver isso.”; “Quando estou no teatro sinto-me livre, esqueço que estou preso.”</p>	<p>11</p>
<p>Vantagens do Teatro Fórum vs Palestra⁵</p>	<p>Vantagens</p>	<p>“O teatro fórum é feito em jeito de o público poder interagir e, notou-se perfeitamente que para muitos tornou-se mais fácil interagir assim do que se fosse uma palestra. Demonstrou-se como se pode, em modo sério, mas também de brincadeira apresentar temas que são muito importantes para nós.”; “É mais vantajoso nós representarmos e mostrarmos aquilo que está mal, para fazermos aquilo que está certo, do que ouvirmos alguém a falar para a gente e não entendermos nada.”; “No teatro as pessoas estão a ver com mais atenção, e as pessoas até se riram, envolveram-se mais e até houve pessoas que queriam vir para o teatro.”</p>	<p>10</p>
	<p>Ambas têm vantagem</p>	<p>“Acho que as duas são boas, tiramos dúvidas nas duas.”; “Ambas as formas são boas, mas no teatro podemos ver o que acontece.”</p>	<p>2</p>
	<p>Interação na/com comunidade</p>	<p>“Acho que sabemos respeitarmo-nos melhor e sabemos interagir melhor com os outros”; “Acho que é importante para sabermos falar melhor, por exemplo para arranjar um emprego, e mesmo aqui dentro para interagirmos.”; “Pelos conhecimentos que aprendi.”</p>	<p>5</p>
<p>Reinserção Social⁶</p>	<p>Continuar teatro</p>	<p>“Se calhar um dia lá fora, poder continuar a fazer teatro.”; “Vou ver a vida diferente quando for para sair. Ter cuidado com as doenças, por exemplo com a SIDA.”</p>	<p>5</p>
	<p>Prevenção</p>	<p>“Uma pessoa ao debater estes casos está envolvido socialmente e pode ajudar a família e os amigos a prevenir-se.”; “Depois que tive esta experiência gostava de ser voluntário para ser útil à sociedade, podia ser na prevenção da toxicod dependência.”</p>	<p>11</p>

⁴ - Os temas escolhidos são, ou não, significativos para todos os intervenientes, toda a comunidade reclusa? Porquê?

⁵ - Há, ou não, vantagens em tratar estes temas utilizando o teatro de intervenção em vez de fazer, por exemplo, uma palestra, convidando um especialista sobre o tema? *Se sim*: Quais são essas vantagens?

⁶ - De que forma considera que esta experiência o poderá ajudar na sua reinserção social?

Isto só se consegue com muitas dinâmicas de grupo.”). Consideraram também que durante este processo foi importante o teatro para trabalhar a desinibição (n=6) e a coesão grupal (n=11), que anteriormente não era visível (e.g. “Foi importante o convívio, o diálogo, a união, para chegarmos a um consenso.”).

No que se refere aos temas escolhidos por estes reclusos, todos os participantes consideraram serem muito significativos (n=11), pois consideraram ser temas atuais e importante para que sejam retiradas algumas dúvidas (e.g. “É importante para tirar dúvidas sobre a SIDA, o racismo já não há tanto como antigamente mas continua a haver.”; “São importantes porque são coisas que acontecem diariamente, na vida.”).

Relativamente ao teatro fórum vs palestra, os entrevistados consideraram existir vantagens quer no teatro apenas, quer no teatro e no debate (n=11). Consideraram o teatro fórum importante pois permite que estejam mais desinibidos e que possam trabalhar temas tão importante de forma mais descontraída (n=9) (e.g. “É mais vantajoso nós representarmos e mostrarmos aquilo que está mal, para fazermos aquilo que está certo, do que ouvirmos alguém a falar para a gente e não entendermos nada.”; “No teatro as pessoas estão a ver com mais atenção, e as pessoas até se riram, envolveram-se mais e até houve pessoas que queriam vir para o teatro.”). Estes participantes consideraram também que ambas as situações são importantes, pois permitem adquirir conhecimento (n=2) (e.g. “Acho que as duas são boas, tiramos dúvidas nas duas.”; “Ambas as formas são boas, mas no teatro podemos ver o que acontece.”).

A quando mencionada a reinserção social, os participantes apresentaram três pontos importantes, a interação na/com a sociedade (n=5), a continuação do teatro (n=5), pois acreditam que ajuda no seu dia-a-dia, e a prevenção (n=11), pois alerta-os para possíveis situações.

Relativamente à dignidade, os participantes referiram que este processo os ajudou a conquistar a dignidade (n=6) (e.g. “Ajudou-nos a conquistar de novo a nossa dignidade”).

Percepções dos reclusos na plateia do Teatro Fórum sobre a sua eficiência como ferramenta de ação educativa

Para os reclusos da plateia, este tipo de intervenção foi considerada muito importante (Tabela 2). No que diz respeito aos temas, consideraram que são muito significativos (n=9), pois acreditam que ainda existem muitas pessoas sem grandes conhecimentos quer relativamente ao VIH, quer ao racismo (e.g. “Continua a ser necessário tratar estes temas, porque há muita gente que não sabe nada sobre a SIDA, e há muita gente que discrimina. Também há racismo, embora digam que não há.”; “São muito importantes e muito atuais, são realidades que estão muito por aqui na cadeia.”).

Tabela 2- *Percepções dos reclusos na plateia sobre a sua eficiência como ferramenta de ação educativa* (n=13)

Área de análise	Categoria	Exemplo	F
Importância dos temas escolhidos ⁷	Significativos	“Continua a ser necessário tratar estes temas, porque há muita gente que não sabe nada sobre a SIDA, e há muita gente que discrimina. Também há racismo, embora digam que não há.”; “São muito importantes e muito atuais, são realidades que estão muito por aqui na cadeia.”; “Todas as pessoas deviam fazer o teste, há muita gente que não sabe que tem o vírus, e isso é mau para a sociedade.”	10
	Promover reflexão	a “Dá para pensar que todo o mundo é igual, corre sangue vermelho em todos”; “Ajuda as pessoas a compreender melhor o que se passa na vida real”	9
Objetivos do diálogo com a plateia/ palco/ curinga ⁸	Envolver palco e plateia	e “É uma forma de envolver toda a gente que está a ver o teatro, e resolver o problema sem violência.”	3
	Resolver problema sem violência	o “Podemos diminuir os problemas da sociedade com a prevenção do VIH e do racismo.”; “É uma forma de envolver toda a gente que está a ver o teatro, e resolver o problema sem violência.”	7
Competências desenvolvidas por vivenciar situações de opressão ⁹	Aquisição de estratégias	de “Eu já tenho muita experiência a lidar com homens porque tenho uma empresa. Sou radicalmente contra o racismo e a discriminação, mas aqui dentro existem muita gente que precisa de ver este teatro para mudar a mentalidade”; “Eu aprendo todos os dias, e o teatro ajudou-me a pensar antes de agir para não deitar tudo a perder.”	8

⁷ - As situações dramatizadas são significativas para si?

⁸ - O diálogo estabelecido com a plateia e a possibilidade de poder tomar o lugar daquele que está numa posição de menor poder, ajuda-o a pensar no problema e a tentar resolve-lo? Porquê?

⁹ Se se visse confrontado, na vida real, com uma situação do género da representada no teatro, pensa que teria mais ferramentas para agir de forma a resolver o problema?

Relativamente ao diálogo entre interveniente do teatro, curinga e plateia foram apresentados três objetivos diferentes: i) a promoção da sua reflexão (n=9), pois levamos a refletir em atos por vezes errados na sua vida atual e na vida futura (e.g. “Dá para pensar que todo o mundo é igual, corre sangue vermelho em todos”; “Ajuda as pessoas a compreenderem melhor o que se passa na vida real”); ii) a importância que tem o envolvimento do público com o palco (n=3), iii) a importância que tem na resolução de problemas sem violência (n=7) (e.g. “É uma forma de envolver toda a gente que está a ver o teatro, e resolver o problema sem violência.”).

Apresentaram ainda como uma competência importante desenvolvida no Teatro Fórum vivenciar situações de opressão, pois consideraram que o facto de estar inseridos no contexto de reclusão e por já terem passado por algumas situações menos agradáveis, o Teatro Fórum leva-os a que adquiram estratégias que combatem na sua vida atual as possíveis opressões (n=8) (e.g. “Eu aprendo todos os dias, e o teatro ajudou-me a pensar antes de agir para não deitar tudo a perder.”).

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES PARA O FUTURO

Da análise dos resultados qualitativos obtidos, conclui-se que a perceção destes reclusos relativamente à eficiência deste tipo de intervenção como ferramenta de prevenção de comportamentos de risco, redução de níveis de discriminação e promoção da reinserção social é muito positiva, pois na sua grande maioria os elementos do grupo do TO entrevistados (11 elementos) constataram que o teatro permitiu o desenvolvimento do respeito mútuo, a desinibição, a coesão grupal e a reconquista da dignidade. De facto, segundo Cruz (2009), o teatro de intervenção pode envolver as pessoas num processo de mudança/criação transformando-as em sujeitos-protagonistas que escolheram mudar. Referiram que os temas escolhidos e trabalhados por eles e pelo TUI foram significativos permitindo o diálogo vivo palco – plateia, a construção de possíveis soluções para os conflitos dramatizados, alicerçadas nos pilares do método do TO: a ética, a solidariedade e a responsabilidade. Os participantes no nosso estudo também afirmaram que o teatro de intervenção promoveu o seu aumento de conhecimento e a cidadania ativa, tal como foi defendido por Boal (2005), uma vez que “produz um estimulante para o nosso desejo de mudar o mundo. Produz a

dinamização” (p.42). Os entrevistados neste estudo consideraram que o teatro fórum é mais eficaz na prevenção de comportamentos de risco no âmbito da saúde do que uma palestra uma vez que, 9 elementos do grupo de TO dos 11 entrevistados justificam a sua opinião pela evidente interação palco-plateia, pela facilidade de aprender temas sérios e significativos brincando (educação informal), pela melhor compreensão dos conflitos dramatizados uma vez que a atenção é maior e que se podem colocar no lugar do outro e experimentar a situação, vive-la. Da mesma maneira Boal (2005) considera que o TO procura a perspectiva do povo na análise dos fenómenos sociais, pelo que é uma estratégia de educação não formal que propicia o desenvolvimento, a criação artística e o acesso cultural das comunidades. Gostaríamos de salientar que segundo Freire (1987) a educação é a única arma contra a opressão das comunidades.

Neste estudo, dois reclusos do grupo de TO que consideraram que havia vantagens nos dois métodos, teatro fórum e palestra, acabaram por valorizar o teatro fórum dizendo que apesar de ambos serem bons, “no teatro além de pensarmos vemos o que acontece”. O registo de memória sofre um incremento permitindo uma interiorização e assimilação eficientes. Quanto ao facto de o TO promover a reinserção social todos são unânimes em considerar que sim devido ao aumento da capacidade de comunicação, a vontade de continuar a fazer teatro e prevenção na sociedade. Estes resultados estão de acordo com o que Boal (2005) defende quando afirma que “o ensino é transitividade, democracia, diálogo, o TO cria o diálogo, busca a transitividade, interroga o espectador e dele se espera uma resposta. O TO procura desenvolver o desejo de criar espaço no qual se possa, criar, aprender, ensinar...transformar” (p347).

Quando se analisa as respostas dadas pelos reclusos que estiveram na plateia relativamente à percepção que têm sobre a eficiência deste tipo de intervenção como forma de prevenção de comportamentos de risco no âmbito da saúde, concluímos que aquela vai reforçar a percepção do grupo de reclusos que experienciou todo o processo. Mais uma vez todos consideram os temas abordados oportunos por serem atuais e fazerem parte da realidade não só da sociedade como também das prisões, nomeadamente do Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa. Reconheceram que o diálogo estabelecido entre a plateia e o palco era vivo o que contribuía de forma eficiente para a promoção da reflexão e da resolução de problemas sem violência, o que

está também de acordo com os princípios do TO e a aquisição de estratégias a aplicar em situações reais. Segundo Rocha (2000), a experiência no TO, tanto para atores como para espectadores-atores (plateia), desperta a criatividade traduzindo-se por um lado, num instrumento de reflexão de problemas comuns da sociedade tais como a violência, marginalização, a falta de consciência de si mesmo, de responsabilidade, de respeito pelos direitos humanos e por outro lado num instrumento de ação.

Nesta lógica, Freire (1987) defende que “a pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos: o primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se com a práxis, com a sua transformação. O segundo em que transformada a realidade, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia em processo permanente de libertação” (p.41). Tendo por base este pensamento que nos fez pensar e agir em direção ao futuro, lembramos a vontade de alguns reclusos pertencentes ao primeiro grupo de TO do Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa: continuar a fazer teatro num 2º grupo em abril de 2015. O caminho é capacitá-los como multiplicadores deste método, objetivo que já faz parte do projeto de TO estabelecido entre um Estabelecimento Prisional do Vale do Sousa e a Fundação Portuguesa “a Comunidade Contra A SIDA”.

REFERÊNCIAS

- Bell, J. (2004). *Como realizar um Projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Boal, A. (1980). *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boal, A. (1991). *Teatro do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed Civilização Brasileira.
- Boal, A. (2005). *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Ed Civilização Brasileira.
- Boal, A. (2009). *A estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Ed Garamond Funarte.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Canda, C. (2010). Teatro do Oprimido e formação de professores: reflexões sobre emancipação humana e social. In Atas do VI Congresso de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cénicas. 10 - 12 de Maio de 2006. Rio de Janeiro: UNIRIO.

- Correia, A. B. (2003). Teatro fora dos teatros. Arte dramática na prisão, no jardim e no bairro. *Revista crítica de ciências sociais*, 67, 55-73.
- Cruz, H. (2012). *Entrado, percursos de um projeto teatral numa prisão*. Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, PELE e CCTR.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J. & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno de saúde pública*, 24 (1), 17-27.
- Fortin, M-F. (2009). *O processo de investigação – da concepção à realização*. Loure: Lusociências.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Vozes.
- Glaser, B. & Strauss, A. (1967). *Discovery of grounded theory*. Chicago: Aldine.
- Gonçalves, O. F. (2000). *Viver narrativamente: A psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril, Portugal: Príncipia Editora, Lda.
- Hesse-Biber, S. (2010). Qualitative Approaches to Mixed Methods Practice. *Qualitative Inquiry*, 16, 455-468.
- Jacob, S., & Furgerson, S. (2012). Writing interview protocols and conducting interviews: Tips for students new to the field of qualitative research. *The Qualitative Report*, 17 (6), 1-10.
- Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, T. N. & Laganá, D. C. (2008). Amostragem de pesquisa clínica: tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade de São Paulo*, 20 (2), 186-194.
- Martins, M. E. G. (2009). *Análise de dados*. Lisboa: Faculdade de ciências da universidade de Lisboa.
- Portal da Saúde (2007). SIDA em meio prisional, uma caracterização com base nos EP de Tires e do Montijo. Lisboa.
- Rocha, M. L. N. (2000). Anotações de Seminário teórico-prático. *Escola de teatro*. Rio de Janeiro: Unirio.

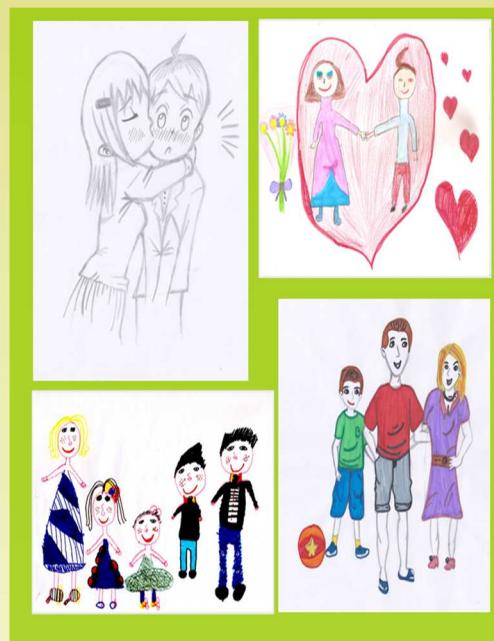
- Santos, B. (2010). “Arte de curingar”. Consultado em: <http://kuringa-barbarasantos.blogspot.pt/2010/08/arte-de-curingar.html>
- Santos, H. (2009). Adolescentes infratores e interpretações do mundo da vida: alteridade e relações de genero. *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*, 28-31 de Julho, Rio de Janeiro.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetivos de pesquisa. *Revista Saúde Pública*, 39 (3), 507-514.
- Yilmaz, K. (2013). Comparison of quantitative and qualitative research traditions: epistemological, theoretical, and methodological differences. *European Journal of Education*, 48(2), 311-325.



CONGRESSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL EM MEIO ESCOLAR E MEIO INSTITUCIONAL

26-27 Março, 2015

LIVRO DE ATAS



**CIEC, Instituto de Educação- Universidade do Minho
Braga, Portugal**

**LIVRO DE ATAS DO CONGRESSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL EM
MEIO ESCOLAR E MEIO INSTITUCIONAL**

FICHA TÉCNICA

Título: Livro de Atas do Congresso de Educação Sexual em Meio Escolar e Meio Institucional

Coordenadora de Edição: Zélia Anastácio

Comissão Editorial: Zélia Anastácio e Carla Silva

Arranjo de textos: Zélia Anastácio e Carla Silva

Data: Outubro de 2015

ISBN: 978-972-8952-37-2

Edição: Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Instituto de Educação,

Universidade do Minho,

Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, PORTUGAL.

Telefone: 253 60 12 12

Email: cesmemi2015@gmail.com

Website: <http://www.eventos.ciec-uminho.org/cesmemi>

